

Pierre Lévy e Mark Dery: esboços sobre a virtualização do conhecimento comum e das práticas e culturas do cotidiano

Pierre Lévy y Mark Dery: apuntes sobre la virtualización del conocimiento común y prácticas y culturas de la vida cotidiana

Guilherme Pereira¹

Resumo

Pierre Lévy (1996) e Mark Dery (2010) são pensadores contemporâneos que abordaram as transformações do cotidiano comum através das mudanças culturais e tecnológicas, da virtualização da cultura e das práticas sociais. Lévy, otimista e profético, quis humanizar o virtual desumanizado. Ele propôs conceitos e ideias com a finalidade de impulsionar transformações. Já Dery, crítico cultural observador e ferino, descreveu as inconstâncias e imprevisibilidades da tecnologia/cultura humanas e teceu elos a partir de nossos novos contextos e mazelas sociais. Ao mesmo tempo, revelou a beleza e a riqueza disso tudo, apontou paradoxos, desconstruiu e instigou. Esta pesquisa é qualitativa e utiliza a técnica da análise crítica dos textos dos referidos autores. Nosso intuito foi trazer uma breve reflexão sobre a diversidade de nossas vivências, percepções, experiências e cultura atuais, influenciadas pela mistura do global com o local e transformadas radicalmente pelas nossas relações e práticas sociais cada vez mais cibermediadas.

Palavras-chave: Pierre Lévy. Mark Dery. Cibercultura.

¹Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Linguagens Verbais, Visuais e suas Tecnologias pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul/2011). Graduado em Artes Visuais - Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (UFPE /2008). E-mail: guilhermefranconi@gmail.com

Resumen

Pierre Lévy (1996) y Mark Dery (2010) son pensadores contemporáneos que se han ocupado de las transformaciones del cotidiana a través de los cambios culturales y tecnológicos, de la virtualización de la cultura y de las prácticas sociales. Lévy, optimista y profético há propuesto humanizar el deshumanizado virtual. Él señaló conceptos e ideas con el propósito de promover transformaciones. Ya Dery, crítico cultural y observador mordaz, describió las inconsistencias y las imprevisibilidades de la tecnología / cultura humanos y tejió vínculos de nuestros nuevos contextos y males sociales. Al mismo tiempo, Dery reveló la belleza y la riqueza de todo esto, señaló paradojas, deconstruido e instigando. Nuestro propósito en este ensayo, a través de una investigación cualitativa y el análisis crítico de los textos de los autores indicados, fue traer una breve reflexión sobre la diversidad de nuestras experiencias, percepciones y la cultura actual, influenciado mediante la mezcla de lo global con lo local y transformado radicalmente a través de nuestras relaciones y prácticas sociales cada vez más cibermediadas.

Palabras clave: Pierre Lévy. Mark Dery. Cibercultura.

O potencial de Pierre Lévy

“Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual” (LÉVY, 1996, p.150). É assim que Lévy desfechou o seu livro *O que é virtual?*, assumindo sua posição de pensador tecnológico e ao mesmo tempo humanista iluminista, nos termos de Rüdiger (2011).

Somos constituídos do (e pelo) virtual, defendeu Lévy (1996), desmistificando nossa compreensão senso comum acerca do virtual como algo puramente tecnológico, inumano, advindo do mundo digital ficcional moderno e que se opõe ao real. Para ele, o virtual é um aspecto cognitivo intrínseco ao homem. Quando pensamos ou imaginamos, virtualizamos possibilidades que podem ou não ser concretizadas. Construímos, assim, nosso imaginário e realidade baseados nessa capacidade virtualizante, nessa fagulha elétrica que cintila em nossas cabeças obscuras.

Lévy (1996) tentou humanizar o virtual. Esse conceito subvertido pelo tecnológico e sua lógica fria e maquinada. Para ele, o mundo comum é conformado pela virtualização. E é por meio dessa habilidade que compartilhamos nossas realidades. O pensador (ibid.) clamou por uma virtualização inteligente, mais humana, que transmute a atual virtualização desvirtuada e

desqualificadora. Ele expôs que “o sofrimento de submeter-se à virtualização sem compreendê-la é uma das principais causas da loucura e da violência de nosso tempo” (p. 147).

Na campanha de compreender o virtual e a virtualização do cotidiano, um movimento reverso que tem se tornado comum na contemporaneidade, Lévy (1996) professou uma utopia colorida e vislumbrou possibilidades. Ele falou que agora, em vez de criticarmos esses novos contextos e tecnologias, devemos, antes, apresentar soluções.

Destacamos aqui a ideia de *inteligência coletiva* trazida pelo autor (ibid.), que seria uma tendência, uma prática comum, subjacente aos sistemas cibernéticos e redes sociais. Nossas conexões sociais digitais teceriam uma rede global na qual colocaríamos nossas ideias, nossos saberes e nossos conhecimentos que se amalgamariam em imensos nódulos disformes e poderiam ser requeridos e tomariam formas conforme nossas decisões e práticas coletivas.

O pensador (ibid.) elucidou que a internet seria, assim, uma técnica neutra, mas que nos proveria uma capacidade emancipatória singular na medida em que todos pudessem se conectar, acessar o grande acervo de conhecimento mundial e colocar suas produções individuais nessa rede comum, acessível (teoricamente) a todos.

Nos sistemas tradicionais de regulação social (leia-se *offline*), geralmente, os grupos dominantes (constituídos por autoridades, especialistas e adeptos) impõem suas lógicas pretensamente científicas, reguladas e autenticadas em duas vias e acabam por deslegitimar a

ótica do outro. É um sistema no qual a democracia muitas vezes falha. Já no ciberespaço, cada um (em tese) pode lançar seus argumentos e deixá-los em aberto para que outros possam sobrepor-los, interseccioná-los ou justapor-los às suas ideias. A participação e a construção do conhecimento constituem, assim, processos mais livres e abertos e convidativos, pois não exigem respostas sincronizadas, permitem espaço e tempo maiores para se ponderar. No ciberespaço, todos passam a ser importantes. A voz e a experiência de muitos são mais valoradas do que opiniões frias e fechadas de autoridades sisudas. As relações sociais acontecem de forma horizontal e rizomática. Verdades são relativizadas. Num diálogo constante, nessa conversação coletiva local e ao mesmo tempo global, as fronteiras entre o que é ou não legítimo se tornam embaçadas. As instituições seculares, suas autoridades e verdades são amortecidas. No ciberespaço, podemos observar como as novas tendências sociais estão se constituindo. E o agir coletivo, a *inteligência coletiva*, pode ser um desses indicativos (Lévy, 1996).

Seguindo esse caminho, Jenkins (2009), um pensador entusiasta do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, apontou e articulou fantasticamente muitas ideias e conceitos de Lévy (1996) em práticas e contextos atuais que se concretizaram cerca de mais de dez anos depois dos seus escritos proféticos. Claro que, apesar do empreendimento bem-sucedido de Jenkins (2009), não podemos tomar essas práticas como democratizadas globalmente ainda, visto

que suas análises se circunscreveram à realidade norte-americana de poucos indivíduos com acesso às tecnologias e a produtos culturais explanados. Além do mais, esses indivíduos já eram letrados e habilitados para o exercício inovador e criativo dessas ferramentas, canalizado sob a alcunha de *inteligência coletiva*. O que queremos destacar aqui é a realização, mesmo que restrita, de alguns fenômenos ideados por Lévy (1996).

A *cultura da convergência* foi um dos tópicos abordados por Jenkins (2009). Nesse contexto cultural, a participação ilimitada e ampla acontece através de protocolos culturais em constante transformação, e a cultura passa a ser controlada pelos consumidores.

Relacionando isso com ações coletivas através de redes sociais na *web*, podemos comentar o exemplo do jogo *on-line The Sims*, trazido pelo autor (ibid.). Alphaville, a maior cidade do referido jogo, foi relatada como um experimento social no qual habilidades cognitivas, políticas, éticas e civis puderam ser exercitadas e desenvolvidas coletivamente. Os cidadãos, atores sociais no *The Sims*, precisaram se articular para o funcionamento harmônico e estruturado dessa cidade, precisaram trabalhar colaborativamente, coordenar consciências e anseios por meio de regras preestabelecidas (protocolos sociais e do jogo), jogando em coletivo. Jenkins (2009) abordou especificamente as eleições para o presidente de Alphaville por meio das quais indivíduos comuns, supostamente pouco ativos em causas políticas concretas, puderam exercitar estratégias, refletir e compreender, de forma lúdica e em coletivo, como tal situação

poderia ocorrer na realidade. Nesse contexto, o autor defendeu a ideia de *inteligência coletiva* de Lévy (1996) como uma *utopia realizável*.

Mas Jenkins (2009) trouxe mais exemplos. Como nas eleições presidenciais norte-americanas de 2008, influenciadas por redes e plataformas sociais *on-line* amplamente discutidas ao redor do mundo como uma revolução social e cultural, um fenômeno vivo através das novas mídias e práticas sociais. As eleições foram minadas pela participação de diversos grupos sociais paralelos às manifestações da grande mídia e por produções culturais amadoras em contraponto às campanhas partidárias oficiais. Indivíduos comuns e empresas de mídia e partidos políticos que pegaram a crista da onda digital coletiva lançaram vídeos, criticando, ironizando e até sabatinando candidatos políticos e suas propostas, como bem podemos observar nos relatos de Jenkins (2009). E isso acarretou mudanças coletivas importantes nas concepções ideológicas de muitos e no próprio rumo das eleições. Fomentou-se aí um engajamento cívico e político coletivo inovador.

Outros pesquisadores que frutificaram as ideias de Lévy (1996) e de Jenkins (2009) de forma pertinente foram Burgess e Green (2009), que explanaram acerca da revolução digital propiciada pelo YouTube. O YouTube foi apresentado como um elemento de estudo variável, sujeito a mutações dinâmicas, à diversidade e amplitude dos produtos culturais nele atuantes e também à mesmice e trivialidade cotidiana.

Para Burgess e Green (2009), o YouTube coordena a criatividade individual com a coletiva e permite a qualquer um produzir seus próprios significados e torná-los visíveis a todos. Cada um pode ter seus minutos de fama. Com isso, a plataforma do YouTube acaba funcionando como uma mediadora entre discursos e ideologias diferentes a partir das preferências e do cotidiano de cada um, aludindo a culturas coletivas e ao mesmo tempo individuais. Nas palavras dos autores (ibid.), “As atividades coletivas de milhares de usuários, cada qual com seus entusiasmos individuais e interesses ecléticos, resultam em um arquivo verdadeiramente vivo da cultura contemporânea formado a partir de uma grande e diversa gama de fontes” (p. 120).

A partir dessas breves ilustrações, podemos observar que o ideal da inteligência coletiva de Lévy (1996) está sendo conduzido a um *status* de *utopia realizável* que poderia rumar para o “progresso e a evolução social mundiais”.

Os referidos autores (JENKINS; BURGESS; GREEN, 2009) destacaram que, em função do recente desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação digitais, estamos numa fase inicial de aprendizado cognitivo e desenvolvimento de experiências coletivas com base em aspectos lúdicos. Como crianças, estamos desenvolvendo habilidades e conhecimentos para, numa fase seguinte, usufruirmos dessas capacidades de forma mais engajada civicamente.

Todavia, nem todos concordam com as inebriantes aspirações de Lévy (1996) e seus partidários. Rüdiger (2011), por exemplo, argumentou que Lévy se debruçou sobre o social, que é intermediado pela técnica e que teria por premissa o progresso. A *inteligência coletiva* seria uma inteligência potencial através do virtual, da convergência de consciências individuais que se apagariam no ciberespaço, conformando uma *inteligência sem sujeito*.

Essa utopia converge à utopia da democracia, a qual Lévy (1996), migrando para o terreno do ciberespaço, conceituou como *tecnodemocracia*. Entretanto, segundo Rüdiger (2011), toda a democracia, bem como as potencialidades cognitivas (agora virtualizadas), é regulada por sistemas de poder, particulares a cada grupo social e suscetíveis a jogos políticos. E os atores sociais coexistem e interagem reciprocamente a suas técnicas ao mesmo tempo em que as regulam e são influenciados por elas. Assim, embora a *tecnodemocracia* ofereça mais pontos de acesso para a equidade social e cultural, o seu curso é predefinido por sentidos já instaurados e legitimados. Desse modo, a pretensa possibilidade de liberdade e emancipação graças à ciberdemocracia seria amplamente questionável.

O atual de Mark Dery

Rumando para contextos mais fluidos e incertos, para as vivências comuns centradas em batalhas sociais aquém das causas conceituais e prometeicas, nos deparamos com Dery

(2010), que situou fantasticamente temáticas e paradoxos do trivial cotidiano. O pensador (ibid.), como crítico cultural, desbravou de forma irônica, divertida e ao mesmo tempo densa e reflexiva as mazelas e contradições rotineiras inimaginadas por Lévy (1996), que talvez tenha preferido deixar de lado as inconsistências, divergências e contradições humanas. Afinal, o cotidiano comum é por demais amplo, inconsistente e complexo para ser reduzido às lentes da ciência e da análise. E como o próprio pensador (idem) apontou, sua preocupação foi indicar soluções e não elaborar críticas.

Dery (2010), por sua vez, articulou a oposição entre o idealismo conceitual e o desvendamento das práticas cotidianas. Comentamos aqui alguns ensaios de Dery (2010), reunidos no capítulo “Tornando-se um ballardiano: dando sentido ao futuro presente”. Tais ensaios pairaram sobre cibercultura e puderam ser relacionados com algumas ideias e conceitos de Lévy (1996) dispostas no presente ensaio.

O que é tornar-se ballardiano? Ser ballardiano alude a maneiras de ver a partir de enredos e ideias apresentados nos romances de J. G. Ballard e transpostos a situações cotidianas. Com isso, observam-se as distopias modernas, as paisagens construídas pelo homem e os efeitos psicológicos da evolução tecnológica, social e ambiental². “Após a exploração de

²Disponível em: <<http://www.ballardian.com/about>> Acesso em: 21 jun. 2012.

³(Tradução nossa). O original: “After Freud’s exploration within the psyche it is now the outer world of reality which must be quantified and eroticized”. Citação do livro *A neural interval* de J. G. Ballard que aparece no home do site Ballardian.com, site dedicado ao pensamento Ballardiano e as obras ficcionais de J. G. Ballard.

Freud no interior da psique, é agora o mundo exterior da realidade que deve ser quantificado e eroticizado”³.

Influenciado por essa inspiração, Dery (2010) denunciou o *Facebook dos mortos-vivos*, por exemplo. Podemos agora nos reencontrar com tantos, mas ao mesmo tempo nossas interações ficam cada vez mais tênues e superficiais. Somos movidos a acumular o maior número de amigos em nossos perfis *on-line*. Compartilhamos, curtimos, lançamos estilhaços daquilo que pretendemos que chame atenção e demostre nosso *eu* idealizado. Esmolamos por curtidas e comentários. Ficamos dependentes de nossos dispositivos e interfaces, máscaras que encobrem nossas imperfeições e erros, que minam nossa espontaneidade. Circulamos entre interações sociais embriagantes e de curta duração. Encobrimos nossa realidade. Na “zona fantasma do Facebook [...] estranhos descorporificados puxam as mangas uns dos outros sem qualquer motivo aparente” (ibid., p. 51). E o autor ainda divagou “[...] não é a objetivação da amizade – a redução de nossas redes sociais a um capital social, indexada à contagem de cabeças na nossa lista de amigos – uma parte inescapável do que o Facebook faz?” (ibid., p.53).

Mas nem todos “curtem” (adotando a metáfora do Facebook) relações sociais estáveis cara a cara, intensas e plenas de afeto. É errado optar por relações virtualizadas e descompromissadas no lugar de vínculos corpóreos e antigas formas de interação social? Os

tempos mudam, hábitos, valores e costumes também. É preciso parar de utopizar as coisas e procurar compreender as mudanças. Como Dery (2010) nos mostrou, talvez a virtualização dos vínculos e interações sociais e o reforço do individualismo não sejam coisas tão ruins assim. Cada um à sua maneira.

O autor (ibid.) criticou também os *blogs* e algumas práticas de escrita atreladas a eles. Muitos blogs funcionam como ferramentas que possibilitam práticas sociais transgressoras, como o jornalismo livre de orientações *comerciais-político-ideológicas* advindas das grandes corporações de mídia. Essas variações jornalísticas podem servir como forma de legitimar/deslegitimar informações, pôr em cheque o que a mídia tradicional nos empurra. Mas essas práticas podem ser verificadas na maior parte dos casos como um pretenso ativismo, um “ativismo de cadeira”. Os blogueiros escrevem e comentam a partir de matérias prontas. Não chegam, na maioria das vezes, às fontes da informação original a fim de captar um novo ponto de vista ou de verificar o anterior. Cobrem o que já está coberto. Dery (2010) indicou a necessidade de ir além dos lugares-comuns oferecidos pela grande mídia. Talvez o individualismo barroco de nossas mentes museus seja uma saída, apontou o autor (ibid.), fazendo uma referência aos museus barrocos, idiossincráticos, curiosos e instigantes por natureza.

E quanto ao espetacular no ciberespaço transfigurador de lugares comuns? Se antes a mídia tradicional espetacularizava o cotidiano, agora todos nós temos a oportunidade de também fazê-lo de forma mais ampla e massificada. Até as inteligências artificiais já o fazem. Como os *spams* surrealistas expostos por Dery (2010). Saladas de palavras aleatórias que desconstroem nossa realidade e a remontam de forma tecnologicamente poética, aludindo ao dadaísmo esrachado dos *ready mades* de Duchamp. Tudo isso para driblar os mecanismos de filtragem de *spams*, os *spambots*, presentes em nossas caixas de e-mail contemporâneas. “[...] as tecnologias de ontem, agora obsoletas, são hoje fetiches estéticos [...]” (ibid., p.64). Enxergamos elos e sentidos onde queremos.

E a *ficcionabilização*⁴ ou potencialização da pornografia que flui pela virtualização do sexo e de suas subculturas? Dery (2010) também se lançou sobre isso. Uma pornografia *on-line*, *artificialmente delirante* e acessível para todos. O pensador (ibid.) discorreu sobre essa pornografia pós-humana e pós-moderna em comparação com a hiper-realidade revolucionária construída no filme *The Matrix*. A indústria pornográfica, no caso, precisou acompanhar a fragmentação da cultura geral, subdividida em nichos variados e públicos distintos. O que nos leva a questionar: seria o sexo virtualizado, transcrito em metáforas visuais hiper-realistas, uma *paródia do sexo real* (DERY, 2010) ou seria a potencialização do sexo? Nessa *pornografia*

⁴Alinhamos aqui o ficcional ao potencial e ao virtual por acreditarmos ser o ficcional o “fermento do imaginário” que “engorda” as nossas realidades.

ciborguiana, o ato sexual é desconstruído por tecnologias e imaginários que estimulam a libido e a satisfação do desejo sexual de forma mais livre e criativa que, por sua vez, influem no futuro e no imaginário da pornografia e no imaginário social num sentido mais amplo.

O autor (ibid.) falou também do nosso apetite voraz pela informação, que é servida à moda *fast food* (metáfora nossa). Sincronizamos nossas práticas cotidianas aos hábitos caóticos e às correrias de um mundo interligado, motivado pela economia. Quanto mais informação, mais poder. E nesse contexto, não acompanhar o ritmo pode denotar ignorância cultural ou *descompasso existencial*. Estreitamos nosso tempo tentando dar atenção a tudo, mesmo que superficialmente. As obras densas, os pesados livros antes carregados de simbolismo, fetiche e *status* social agora ficam de lado, objetificados como *souvenires* ornamentais. E isso parece indicar uma certa libertação da matéria. A informação cada vez mais onipotente e onipresente nos inunda e nos encerra. Buscamos dotar de sentido nossas existências. E Dery (2010) alertou que esse sentido pode estar nas coisas mais simples, as quais não temos tempo para ver, ler e compreender. O sentido buscado pode estar na pilha de jornais crescente ao nosso lado, nas entrelinhas do nosso cotidiano digitalizado ou até mesmo na frivolidade de nossas relações sociais cara a cara.

O conceitual potencializado e o cotidiano atualizado: experiências comuns virtuais realizadas ou experiências comuns reais virtualizadas?

Nunca tivemos tantos meios e artifícios facilitadores, tantos espetáculos, tantas oportunidades para o lazer e para o prazer, para estimular nosso imaginário e propiciar nossa plenitude existencial e o nosso gozo (literalmente também). E mesmo assim nunca satisfazemos completamente nossos organismos e mentes ávidos por novidade. Antes pela novidade objetificada, agora pela novidade virtualizada, sentida e experienciada. Como bem colocou Dery (2010, p.113-14):

A vida vivida na velocidade da rede significa sentar em um computador, os nossos pensamentos voando, os nossos corpos inertes. Eu chamo isso de “inércia terminal”: a sensação, experimentada diariamente por milhões em nossa sociedade conectada, de infinitas paisagens de informação sobrevoando enquanto estamos parados e sentados. [...] A imagem da velocidade – “velocidade estonteante” no primeiro ano do século 21, é um humano em uma cadeira, olhando para a tela, indo a lugar nenhum a bilhões de bits por hora.

Falando em gozar, aliás, passando pelas obsessões freudianas até as peripécias ballardianas e chegando à virtualização e *ficcionabilização* do imaginário e dos ímpetos sexuais, Dery (2010)

demonstrou que a sexualidade tem se mostrado como um dos aspectos fundamentais da cultura, das ideologias e dos imaginários humanos. A sexualidade gera práticas, subculturas que são boas para se analisar, para se pensar e se compreender um pouco mais acerca das relações sociais. Aliás, o autor (ibid.) nos mostrou que tudo é bom para se pensar. A cultura é plural, as práticas sociais são muitas. Podemos pensar os problemas da sociedade contemporânea a partir de qualquer prisma. E ele tratou a contemporaneidade e a cultura atual sem preconceitos, na plenitude de suas ambivalências.

Lévy (1996), por sua vez, falou do *hiper corpo da humanidade* e do *hipercórtex das nações* e na recriação do que é humano. Quando virtualizamos o que está realizado, multiplicamos as potencialidades.

[...] todo ato é virtualmente produtor de riqueza social via sua participação na inteligência coletiva. Qualquer ato humano é um momento do processo de pensamento e de emoção de um megapsiquismo fractal e poderia ser valorizado e até mesmo remunerado enquanto tal. Se todos os atos pudessem ser captados, transmitidos, integrados a circuitos de revelação e devolvidos a seus produtores, e participassem deste modo de uma melhor informação global da sociedade sobre si mesma, a inteligência coletiva conheceria uma enorme mutação qualitativa da maior importância (p. 69).

O autor (ibid.) falou aí do potencial econômico e sociocultural latentes nessa reviravolta paradigmática. Ele ainda justificou o porquê de

[...] a inteligência é atravessada de uma dimensão coletiva: não apenas as linguagens, os artefatos e as instituições pensam dentro de nós, mas o conjunto do mundo humano, com suas linhas de desejo, suas polaridades afetivas, suas máquinas mentais híbridas, suas paisagens de sentido forradas de imagens” (p. 108-9).

Potencialização do conceitual *versus* atualização do real. Pensar é estabelecer semelhanças e reconhecer as diferenças. Pode-se pensar em qualquer lugar. O pensar a partir de uma linguagem mais livre e provocativa, a partir de temas populares e marginais foi realizado por Dery (2010). O pensar por um viés mais conceitual, filosófico e prometeico foi idealizado por Lévy (1996). E a beleza e riqueza disso tudo é tentar construir elos entre o conceitual e as práticas comuns. Pensar em circulação. Afinal, na contemporaneidade, não podemos parar, temos que acompanhar o ritmo frenético do cotidiano e nos adaptarmos às mudanças se quisermos sobreviver.

É preciso perceber, refletir e agir em movimento por meio das inconcretudes que nos constituem, a partir do nosso imaginário virtual palpitante e transfigurador. É preciso continuar a potencializar o virtual conceitual desvendando o cotidiano comum.

Referências

BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a Revolução Digital. Como o Maior Fenômeno da Cultura Participativa está Transformando a Mídia e a Sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

DERY, M. Não devo pensar em coisas ruins: ensaios sobre o império americano, cultura digital, pornografia pós-humana e o simbolismo sexual do dedão da Madona. Porto Alegre: Sulina, 2010.

JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. O que é o virtual? São Paulo: 34, 1996.

RÜDIGER, F. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.